

Coordenação na língua kaingang

Coordination in kaingang

Luciana Pereira Tabosa *

Ludoviko dos Santos **

RESUMO: No Brasil, existem cerca de 180 línguas indígenas, no entanto, o número de pesquisadores que a elas se dedicam é pequeno. Muitas ainda não foram objetos de pesquisa, este fato destaca a importância e a necessidade de que mais linguistas se dediquem ao estudo e a descrição dessas línguas. A língua kaingang pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. É falada por aproximadamente 29.000 pessoas distribuídas em mais de trinta Terras Indígenas nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo uma das línguas indígenas com maior número de falantes no Brasil. O presente trabalho trata de uma abordagem inicial da estrutura das orações coordenadas dessa língua, com base nos pressupostos da Linguística Descritiva e Funcional. Para isso, fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Payne (1997) e de Haspelmath (2007). O *corpus* do trabalho constitui-se de dados coletados com informantes da Terra Indígena Apucarantina, localizada no município de Tamarana – PR. A descrição e análise desses dados mostram que a língua kaingang utiliza partículas que funcionam como coordenadores e apresenta os seguintes tipos semânticos de coordenação: conjuntiva, disjuntiva e adversativa. Os objetivos deste trabalho são abordar, de um ponto de vista descritivo, as orações coordenadas, subsidiar material de fácil acesso a professores bilíngues das escolas indígenas do Norte do Paraná e contribuir com a descrição da língua kaingang.

PALAVRAS-CHAVE: Kaingang. Orações coordenadas. Descrição.

ABSTRACT: In Brazil, there are about 180 indigenous languages, however, the number of researchers who are dedicated to them is small. Many languages have not been objects of research, this fact highlights the importance and need for more linguists devoted to the study and description of these languages. The Kaingang language belongs to Jê family from Macro-Jê trunk. It is spoken by approximately 29.000 people distributed in over thirty Indigenous Lands in the States of São Paulo, Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul, one of the indigenous languages with most speakers in Brazil. This paper is an initial approach to the structure of the sentential coordinate clauses study of this language, based on the assumptions of Descriptive and Functional Linguistics. In order to do that, this work is based on the theoretical assumptions of Payne (1997) and Haspelmath (2007). This paper consisted

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: lu.tabosa04@gmail.com

** Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: lilukabi@uel.br

of data collecting with informants from Apucarantina Indigenous Land, located in the city of Tamarana - PR. The description and analysis of these data show that Kaingang uses language particles that act as coordinators and provides the following types of semantic coordination: conjunctive, disjunctive and adversative. The objectives of this study are to approach, from a descriptive point of view, the coordinate clauses, give easier access to material support to bilingual teachers of Indian schools in northern Paraná and contribute to the description of Kaingang.

Keywords: Kaingang. Coordinate clauses. Description.

Introdução

No Brasil, existem cerca de 180 línguas indígenas e um número reduzido de pesquisadores que se dedicam a elas. Muitas dessas línguas não foram objetos de pesquisa ou têm pouca descrição, fato que destaca a importância e a necessidade de que mais linguistas se dediquem ao seu estudo.

Uma dessas línguas é o kaingang, que pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. É falada por aproximadamente 29.000 pessoas nos Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo uma das línguas indígenas com maior número de falantes no Brasil. No Paraná, os kaingang totalizam mais de 7.000 pessoas distribuídas em 11 Terras Indígenas.

Embora seja uma das línguas indígenas com maior número de falantes no Brasil, a língua carece de estudos no nível morfossintático. A pesquisa de doutorado¹ da qual este trabalho faz parte almeja descrever as orações complexas da língua kaingang. Um dos tipos de orações complexas são as orações coordenadas que serão tratadas neste trabalho de forma preliminar, tendo em vista que a descrição de seu funcionamento ainda encontra-se em andamento. Os dados foram coletados com informantes da Terra Indígena Apucarantina, localizada no município de Tamarana – PR. Os objetivos a serem alcançados com a pesquisa são: (a) abordar, do ponto de vista descritivo, as orações coordenadas da língua kaingang; (b) possibilitar material de fácil acesso a professores bilíngues das escolas indígenas do Norte do Paraná; (c)

¹ Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.

Antes de fazermos a descrição das orações coordenadas da língua kaingang, faremos algumas considerações sobre a ordem oracional e sobre algumas partículas que ocorrem na língua.

Ordem oracional e partículas da língua kaingang

A ordem oracional canônica da língua kaingang é SOV, como se pode constatar a partir do exemplo:

	SN		SV	
1.	[gĩr	vỹ]	[ẽmĩ kó]
	menino	MS	bolo	comer
	S		O	V

“O menino comeu bolo.”

O sujeito é, geralmente, marcado morfológicamente na língua kaingang por uma partícula posposta a ele, demarcando o limite entre o SN (sintagma nominal) e o SV (sintagma verbal). No exemplo (1) acima, o marcador de sujeito empregado é *vỹ* que ocorre, comumente, em orações simples da língua. Outros marcadores de sujeito que aparecerão nos exemplos deste trabalho são: (i) *mỹ* - usado para marcar sujeito em frases interrogativas, (ii) *tỹ* - usado em orações encaixadas e (iii) *tóg* - usado em algumas orações adversativas.

Segundo Almeida (2008), do ponto de vista morfológico/gramatical, o kaingang apresenta apenas dois tempos: (i) futuro – tempo marcado, e (ii) não-futuro – tempo não marcado. A autora postula que essa distinção demonstra um contraste mais modal do que temporal, de forma que o tempo futuro expressa o modo *irrealis* e o não-futuro o modo *realis*:

Kaingang (ALMEIDA, 2008, p. 87)

2.	gĩr	vỹ	fág	kó	∅
	menino	MS	pinhão	comer	

“O menino comeu pinhão.”

3. gĩr vỹ fág ko mũ
menino MS pinhão comer ASP
"O menino está comendo pinhão."

4. gĩr vỹ fág konh ke mũ
menino MS pinhão comer MO ASP
"O menino comerá pinhão."

O exemplo 2 apresenta um evento que aconteceu e o exemplo 3 mostra um evento que está acontecendo. A diferença entre *kó* e *ko*, segundo Almeida (2008, p. 87), pode ser vista na marcação aspectual:

a primeira sentença não possui marcador de aspecto, refere-se a um evento acabado ou melhor, visto como um bloco, algo inteiro, sem especificações de suas fases; a segunda possui a marcador *mũ* e se refere a um evento não-acabado, ou pelo menos considerado em algumas de suas fases.

O exemplo 4 trata de um evento que ainda não aconteceu, sendo marcado pela flexão verbal (*ko – konh*) mais as partículas *ke* e *mũ*. De acordo com Almeida (2008), a partícula *ke* indica o modo *irrealis*.

Almeida (2008, p. 90) aponta outra distinção bem marcada na língua – a aspectual:

O aspecto é, de certa forma, um tempo, porém um tempo interno do evento, o que difere do tempo externo do evento. Neste podemos encontrar os contrastes entre passado, presente e futuro, naquele, os contrastes entre perfectivo e imperfectivo, entre outros.

No modo *realis* que distingue entre perfectivo e imperfectivo, a autora constatou que o verbo pode ser flexionado em –g e ser acompanhado dos marcadores de aspecto que indicam o imperfectivo (*mũ, tĩ, nĩ*); quanto ao perfectivo, o verbo não sofre flexão, nem vem acompanhado de marcadores. Já

no modo *irrealis*, o verbo, normalmente, flexiona-se em –nh ou em –g e vem acompanhado dos marcadores *ke*, *mũ* e *tũ nĩ*, como demonstra o quadro abaixo.

Quadro 2: Regra geral de flexão verbal e marcadores nos modos *realis* e *irrealis*

Modo	Flexão verbal	Marcadores
<i>Realis</i>	-g ou ∅	<i>mũ, tĩ, nĩ, ∅</i>
<i>Irrealis</i>	-nh ou –g/-j	<i>Ke, mũ, tũ nĩ</i>

Fonte: Almeida (2008, p. 91).

Orações Coordenadas

As orações coordenadas ocupam o último lugar na escala de integração gramatical proposta por Payne (1997). Adotaremos o referencial teórico de Haspelmath (2007) para discorrer sobre essas orações e também nos apoiaremos em Wiesemann (2002) e Almeida (2008) para tratarmos de algumas partículas da língua que ocorrerão nos exemplos.

Haspelmath (2007) define coordenação como uma construção sintática que combina unidades do mesmo tipo em uma unidade maior. Essas unidades podem ser: (a) palavras, (b) orações subordinadas ou (c) orações completas.

a. palavras

5. Pedro mré Ludoviko vỹ ěmĩ kó
 Pedro COORD Ludoviko MS bolo comer
 “O Pedro e o Ludoviko comeram bolo.”

b. orações subordinadas

6. [Pedro vỹ [mĩg tỹ gĩr pra] vé] [kỹ ěkréh tĩ vỹ ti tãnh]
 Pedro MS onça MS menino morder ver COORD caçador MS P3P matar

“Pedro viu que a onça mordeu o menino e que o caçador matou a onça.”

c. orações completas

7. [Pedro vỹ jryryrn kajã̃m,] [jãvo Ludoviko vỹ moto kajã̃m]
 Pedro MS roda comprar COORD Ludoviko MS moto comprar
 Pedro comprou um carro e Ludoviko comprou uma moto.”
 (lit.: Pedro comprou um carro, mas Ludoviko comprou uma moto)

Como se pode notar, a língua kaingang permite a coordenação de palavras e orações: o exemplo 5 trata de uma oração simples com dois nomes coordenados no SN, o exemplo 6 apresenta um período composto constituído por uma oração principal com o encaixe de uma oração subordinada completiva que são seguidas por uma oração coordenada; o exemplo 7 apresenta um período composto por duas orações coordenadas.

Haspelmath (2007) define como coordenador a partícula ou afixo que une as unidades coordenadas, sendo este que define o tipo semântico de coordenação: conjuntiva, disjuntiva ou adversativa. O autor não trata de outros tipos semânticos de coordenação como causal, consecutiva e explicativa, pois os considera marginais, já que os *linkers*³ usados nestes tipos nem sempre são casos claros de coordenadores. Embora Haspelmath (2007) não trate desses tipos, estamos investigando sua ocorrência na língua kaingang, no entanto, não os abordaremos neste trabalho, devido ao fato de ainda não termos dados suficientes para descrição e análise.

A língua kaingang faz uso de partículas e não de afixos na coordenação. Nos exemplos coletados ocorrem as seguintes partículas: *mré*, *kar kỹ*, *jãvo*, *hã ra* e *vó*. Dessas partículas, segundo o dicionário da língua (Wiesemann, 2002), apenas *jãvo* (mas), e *hã ra* (mas) são conjunções, ou seja, coordenadores. As partículas *mré* (com) e *kar kỹ* (depois) Wiesemann (2002) classifica como indicadores de circunstância. Os indicadores de circunstância funcionam, segundo a autora, como as preposições em português, mas como na língua

³ Termo empregado pelo autor.

kaingang seguem o substantivo ou a frase que modificam, são chamados de posposições. Já Almeida (2008) classifica *kar kỹ* como um sequenciador de evento. A partícula *vó* (será que não é?) também ocorre nos exemplos coletados e, de acordo com Wiesemann (2002, p. 159), é um indicador de opinião: “Os indicadores de opinião exprimem a atitude do falante com a informação transferida.” Tendo em vista que essas partículas são usadas para unir termos, trataremos delas na análise como coordenadores.

Haspelmath (2007) chama de coordenadas as unidades que compõem a coordenação, como, por exemplo, palavras, sintagmas e orações. Abaixo segue, segundo a definição do autor, os tipos de unidades coordenadas e as posições ocupadas por elas na coordenação.

Tipos e Posições dos Coordenadores e de Unidades Coordenadas

Primeiramente, Haspelmath (2007) distingue a coordenação assindética da sindética: a primeira não apresenta coordenador e a segunda apresenta. A coordenação sindética pode apresentar um único coordenador (monossindética) ou dois coordenadores (bissindética). Os coordenadores podem ser prepositivos – quando precedem o termo coordenado ou pospositivos – quando o seguem.

O autor representa as possibilidades de posição do coordenador com relação à coordenação de duas unidades no seguinte esquema⁴:

- a. (assindética) **A B**
- b.(monossindética) **Aco-B** (prepositiva, no segundo coordenado)
A-coB (pospositiva, no primeiro coordenado)
AB-co (pospositiva, no segundo coordenado)
co-AB (prepositiva, no primeiro coordenado)
- c. (bisindética) **co-A co-B** (prepositiva)
A-co B-co (pospositiva)
A-co co-B (mista)
co-A B-co (mista)⁵

⁴ **A** e **B** representam as unidades coordenadas e **co** o coordenador

⁵ a. (asyndetic) **A B**
 b. (monosyndetic) **A co-B** (prepositive, on second coordinand)
A-co B (postpositive, on first coordinand)
A B-co (postpositive, on second coordinand)

(HASPELMATH, 2007, p. 6 - tradução nossa).

Pelo conjunto de dados coletados até o momento, constatamos que a língua kaingang apresenta a coordenação monossindética.⁶ Na coordenação de unidades dentro de um sintagma, o coordenador ocorre na posição *A-co B*⁷. O dado 5 repetido abaixo exemplifica essa posição.

5. Pedro *mré* Ludoviko *vỹ* *ẽmĩ* *kó*
 Pedro COORD Ludoviko MS bolo comer
 “O Pedro e o Ludoviko comeram bolo.”

Quando a coordenação é de orações, o coordenador ocorre em duas posições: (i) *A co-B* e (ii) *A B-co*. O exemplo 7, repetido abaixo, ilustra a primeira posição:

7. [Pedro *vỹ* *jyryryn* *kajãm*,] [*jãvo* Ludoviko *vỹ* *moto* *kajãm*]
 Pedro MS roda comprar COORD Ludoviko MS moto comprar
 Pedro comprou um carro e Ludoviko comprou uma moto.”
 (lit.: Pedro comprou uma moto, mas Ludoviko comprou um carro.)

O exemplo 8 a seguir ilustra a segunda posição que o coordenador pode ocupar:

8. [Gĩr *mỹ* *gãr* *kó*,] [*goj* *kron* *vó?*]

	co-A B	(prepositive, on first coordinand)
c. (bisyndetic)	co-A co-B	(prepositive)
	A-co B-co	(postpositive)
	A-co co-B	(mixed)
	co-A B-co	(mixed)

⁶ Estamos investigando se a língua apresenta coordenação assindética e bissindética. Os dados coletados até a elaboração do presente trabalho não apresentam esses tipos de coordenação.

⁷ Como as partículas do kaingang são pospositivas, consideramos que o coordenador é pospositivo à primeira unidade.

menino MS milho comer água beber COORD

“O menino comeu milho ou bebeu água?”

Tipos Semânticos de Coordenação

Haspelmath (2007) aponta três principais tipos semânticos de coordenação: conjunção, disjunção e coordenação adversativa; porém ressalta que as línguas podem distinguir mais tipos. Apresentaremos abaixo os tipos semânticos de coordenação que ocorrem na língua kaingang, conforme a classificação do autor: conjunção, disjunção e coordenação adversativa.

Conjunção

Conforme Haspelmath (2007), conjunção diz respeito à união de palavras, sintagmas e orações e o coordenador é a palavra, partícula ou afixo que une essas unidades.⁸

Um tipo de conjunção abordada pelo autor é a comitativa que se refere ao emprego do marcador de companhia como coordenador conjuntivo para ligar unidades dentro de um sintagma. Esse tipo de conjunção ocorre na língua kaingang com o emprego de *mré* (com) que, de acordo com a classificação de Wiesemann (2002), é um indicador de circunstância, mas que trataremos, neste trabalho, como coordenador, conforme já mencionamos. Abaixo seguem alguns dados que apresentam esse coordenador:

a. no sintagma nominal sujeito:

9. João *mré* José vỹ jyryryn kajãm

João COORD José MS roda comprar

“João e José compraram um carro.”

⁸ Ressaltamos que não consideramos conjunção, neste trabalho, como a classe de palavras que serve para unir termos, assim como classifica a gramática.

10. João *mré* José ag vỹ junjun
 João COORD José PL MS chegar (PL)
 “João e José chegaram.”

Como demonstram os exemplos acima o coordenador *mré* é usado na língua kaingang para unir nomes dentro do sintagma nominal, ocupando a posição *A-co B*, já que as partículas no kaingang são pospositivas: “Pedro-*mré* Ludoviko”, “João-*mré* José”. O emprego da partícula *ag* no exemplo 9 indica a marcação de plural do sintagma nominal sujeito.

b. no sintagma verbal:

11. Pedro vỹ João *mré* Manoel vé
 Pedro MS João COORD Manoel ver
 “Pedro viu João e Manoel.”

Como demonstram os exemplos acima, o coordenador *mré* também é utilizado para unir nomes dentro do sintagma verbal, ocupando a posição *A-co B*: “João-*mré* Manoel”.

Na conjunção de orações, a língua faz uso de *kar kỹ* (depois). Como já mencionado neste trabalho, Wiesemann (2002) classifica essa partícula como indicador de circunstância e Almeida (2008) a classifica como sequenciador temporal. Essa partícula realmente demonstra uma sucessão temporal de eventos e, como ocorre na ligação entre orações coordenadas, tratá-la-emos como um coordenador, com base em Haspelmath (2007). Assim, *kar kỹ* é um coordenador usado para unir orações, indicando eventos dispostos em sequência, como se pode observar nos exemplos 12, 13 e 14 abaixo.

12. [Gĩr vỹ mro,] [kar kỹ vim ke] [kar kỹ ěkréh]
 menino MS banhar-se COORD pescar COORD caçar

“O menino nadou, pescou e caçou.”

(lit.: O menino nadou, depois pescou e depois caçou)

13. [Pedro vỹ Manoel vég tũ nĩ] [*kar kỹ* João ti]
 Pedro MS Manoel ver MO ASP COORD João P3P

“Pedro não viu Manoel nem João.”

(lit.: Pedro não viu Manoel e depois não viu João)

14. [Gĩr vỹ ěmĩ ko tũ nĩ,] [*kar kỹ* ti goj kron tũ nĩ]
 menino MS bolo comer MO ASP COORD P3P água beber MO ASP

“O menino não comeu bolo nem bebeu água.”

(lit.: O menino não comeu bolo e depois não bebeu água)

Como se pode notar pelos exemplos acima, a posição que o coordenador ocupa é *A co-B*, pois inicia a segunda oração em 13 e 14 e a segunda e a terceira oração em 12.

O exemplo 12 apresenta três orações coordenadas, nas quais o coordenador *kar kỹ* inicia a segunda e a terceira orações. As três orações apresentam apenas um sujeito – *gĩr* – que ocorre somente na primeira oração marcado por *vỹ*. Como o sujeito é correferencial nas três orações que constituem o período, ocorre sua elipse e de seu marcador na segunda e terceira orações. As três orações que compõem o período referem-se a eventos acabados, portanto não apresentam marcadores de aspecto nem de modo, já que pertencem ao tempo não-futuro que não é marcado na língua, conforme aponta Almeida (2008).

O exemplo 13 apresenta duas orações coordenadas, sendo que o coordenador *kar kỹ* inicia a segunda. As duas orações que constituem o exemplo apresentam o mesmo sujeito – Pedro – marcado por *vỹ* que ocorre somente na primeira oração. Na segunda oração, além da elipse do sujeito, há

também a elipse do verbo – *vé* – (que é o mesmo da primeira oração) e dos marcadores de modo e aspecto. A primeira oração que constitui o exemplo apresenta os marcadores *tũ* e *nĩ* que juntos, conforme aponta Almeida (2008), denotam negação, de forma que a oração pode ser interpretada como um *irrealis* negativo. A variação do verbo de *vé* para *vég* é, segundo Almeida (2008), motivada pela influência de *tũ nĩ*.

Assim como o exemplo 13, 14 também apresenta duas orações coordenadas com o coordenador *kar kỹ* iniciando a segunda oração. O sujeito *gĩr* (menino), na segunda oração, é retomado na forma de um pronome pessoal de terceira pessoa – *tĩ* – que significa “ele” e o marcador *vỹ* ocorre somente na primeira oração. Em ambas as orações ocorrem os marcadores *tũ* e *nĩ* que denotam negação, indicando o modo *irrealis* negativo, assim como no exemplo 13.

Nos exemplos 12 e 13 analisados acima ocorre elipse do sujeito e/ou do verbo. Este fenômeno também aparecerá em outros exemplos de coordenação que serão descritos no decorrer deste trabalho. A motivação funcional da elipse é, segundo Haspelmath (2007), por motivos de economia, de modo que um material idêntico não precisa ser repetido, assim o autor introduz o conceito de redução de coordenação (*coordination reduction*). A redução de coordenação elimina elementos idênticos e transforma uma estrutura subjacente bi-oracional em uma estrutura de superfície mono-oracional como mostram os exemplos do inglês empregados pelo autor:

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 38)

15. Joan got a pay rise *and* Marvin got a pay rise

“Joan conseguiu um aumento de salário e Marvin conseguiu um aumento de salário”

16. Joan *and* Marvin got a pay raise

“Joan e Marvin conseguiram um aumento de salário” (**tradução nossa**)

Por meio da análise dos dados 12, 13 e 14, é possível constatar que a língua kaingang expressa a correferencialidade do sujeito por meio da elipse ou por meio de um pronome correferencial de terceira pessoa, sendo a elipse mais produtiva.

Disjunção

O sentido de disjunção é dado no kaingang por meio da partícula *vó* que, como já mencionamos neste trabalho, Wiesemann (2002) classifica como um indicador de opinião que significa “será que não é?”. Trataremos esta partícula em nossa análise como um coordenador já que tem a função de coordenar sintagmas e orações. Acreditamos que o emprego dessa partícula deve-se ao fato de as proposições apresentarem sentido exclusivo, ou seja, a afirmação de uma requer a negação da outra, conforme afirma Haspelmath (2007, p. 26): “uma disjunção exclusiva é verdadeira se apenas uma e não ambas as proposições são verdadeiras, enquanto que uma disjunção inclusiva é verdadeira se uma ou ambas as proposições forem verdadeiras.”⁹

A posição que o coordenador ocupa nos exemplos de disjunção abaixo é *A B-co*. Como todos os exemplos apresentam orações interrogativas, os sujeitos são marcados pela partícula *mỹ* que é usada para marcar sujeito em perguntas.

Os exemplos 17 abaixo e 18 apresentam apenas um sujeito e o mesmo verbo para as duas orações:

17. [Ă mỹ gãr génh,] [ka nin vó?]
 P2P MS milho temperar mandioca COORD
 “Você quer milho ou mandioca?”

⁹ *An exclusive disjunction is true if only one but not both of the disjoined propositions are true, while an inclusive disjunction is true if either one or both disjoined propositions are true.* (tradução nossa).

18. [Gĩr mĩ gãr kó,] [ka nin vó?]
 menino MS milho comer mandioca COORD
 "O menino comeu o milho ou a mandioca?"

Nos dois exemplos acima, os sujeitos ocorrem somente na primeira oração e são marcados por *mĩ* que indica pergunta. Como os sujeitos são correferenciais e os verbos são os mesmos para as duas orações que constituem cada período, podemos notar que há uma elipse desses termos na segunda oração de cada período. Em 17, não foi usado o verbo "querer", mas o verbo "temperar". O coordenador *vó* ocorre no fim da segunda oração indicando a atitude de dúvida do falante com relação à informação transferida. Assim, a tradução literal dos exemplos pode ser dada como: "Você quer milho ou será que quer a mandioca?" e "O menino comeu milho ou será que comeu a mandioca?"

Os exemplos 8 (repetido aqui) e 20 a seguir também apresentam apenas um sujeito em cada período, mas verbos distintos:

8. [Gĩr mĩ gãr kó,] [goj kron vó?]
 menino MS milho comer água beber COORD
 "O menino comeu o milho ou bebeu água?"

19. [Maria fi mĩ ěmĩ han mũ,] [fi mĩ vãg fanh mũ vó?]
 Maria FEM MS bolo fazer ASP P3P MS lavar roupa ASP COORD
 "Maria faz o bolo ou lava a roupa.?"

O exemplo 8 apresenta correferência do sujeito *gĩr*, portanto ele e seu marcador *mĩ* ocorrem expressos apenas na primeira oração, de forma que a segunda apresenta elipse. O coordenador *vó* ocupa a posição final do período e devido ao fato de exprimir uma atitude de dúvida do falante com relação à

informação, podemos considerar como tradução literal do exemplo: “O menino comeu milho ou será que bebeu água?”

O exemplo 19 também apresenta o mesmo sujeito para as duas orações. Na primeira oração, o sujeito “Maria” é seguido pelo marcador de feminino *fi*¹⁰ e marcado por *mỹ*. Na segunda oração esse sujeito é retomado por meio do pronome pessoal de terceira pessoa *fi* (ela) e também marcado por *mỹ*. Nas duas orações que compõem o período ocorre o marcador de aspecto imperfectivo *mũ* após o verbo, que, segundo Almeida (2008) é um marcador de aspecto continuativo, ou seja, marca uma das fases do evento. Assim como nos exemplos anteriores, podemos considerar que a tradução literal do exemplo seja: “A Maria faz o bolo ou será que lava a roupa?”

Os exemplos 20 e 21 abaixo são constituídos por sujeitos diferentes e por um único verbo.

20. [João *mỹ* *vim ke* *tĩg* *mũ*,] [Pedro *mỹ* *vó*?]

João MS pescar andar ASP Pedro MS COORD

“O João vai pescar ou o Pedro vai pescar?”

21. [Maria *fi* *mỹ* *ẽmĩ* *han* *mũ*,] [Jandira *fi* *mỹ* *han* *mũ* *vó*?]

Maria FEM MS bolo fazer ASP Jandira FEM MS fazer ASP COORD

“Maria faz o bolo ou Jandira faz o bolo.”

Em 20, os dois sujeitos iniciam as orações e são marcados por *mỹ*, sendo possível constatar, portanto, que, quando não há correferencialidade, cada sujeito exhibe seu marcador. Na segunda oração ocorre a elipse do verbo por ser o mesmo da primeira oração. O coordenador *vó* aparece na posição final do período. O verbo da primeira oração é seguido pela partícula de aspecto

¹⁰ A lingual kaingang marca o feminino por meio da partícula *fi*. Sobre a marcação de gênero em kaingang, sugerimos a leitura de “Gênero em kaingang?”, de Wilmar da Rocha D’Angelis, disponível no site www.portalkaingang.org

imperfectivo *mũ*, que funciona como no exemplo 19. Podemos considerar que a tradução literal do exemplo seja “O João vai pescar ou será que o Pedro vai pescar?”

No exemplo 21, cada oração apresenta um sujeito marcado por *mỹ* e, embora o verbo seja o mesmo para cada oração, não há elipse na segunda oração, assim como no exemplo 20. Podemos notar que, apesar de o verbo estar presente na segunda oração, ocorre a elipse do objeto *ẽmĩ*. O coordenador *vó* também aparece no final do período, assim como nos exemplos anteriores. Em ambas as orações o verbo é seguido pela partícula de aspecto imperfectivo *mũ*, indicando aspecto continuativo. Temos como tradução literal para o exemplo “Maria faz o bolo ou será que Jandira faz o bolo?”

Coordenação Adversativa

A língua kaingang exprime a noção de adversidade por meio da partícula *hã ra* (mas), classificada por Wiesemann (2002) como conjunção e tratada por nós, neste trabalho, como coordenador, conforme Haspelmath (2007). Assim como nos exemplos de conjunção, o coordenador inicia a segunda oração, ocupando a posição *A co-B*. Um fato interessante a ser destacado nas construções com *hã ra* é que este coordenador sempre é seguido do marcador de sujeito *tóg* que, segundo a classificação de Wiesemann (2002), indica sujeito agente. A respeito desse marcador, Silva (2011, p. 97) esclarece que “serve para indicar sujeito, que pode ser tanto um sujeito impessoal como se referir a um sujeito mencionado anteriormente.” Com base nessa colocação, é possível observar que esse marcador indica sujeito já mencionado.

Os exemplos 22 e 23 abaixo apresentam sujeitos correferenciais para as orações de cada período:

22. [Pedro *vỹ* Manoel *vé*,] [*hã ra* *tóg* João *vég* *tũ* *nĩ*]
 Pedro MS Manoel ver COORD MS João ver MO ASP
 “Pedro viu Manoel, mas não viu João.”

23. [Gĩr pévé¹¹,] [hã ra tóg fỹ tũ nĩ]
 menino cair COORD MS chorar MO ASP
 “O menino caiu, mas não chorou.”

Em 22, o sujeito “Pedro” é o mesmo para as duas orações, porém ocorre somente na primeira oração, sendo marcado por *vỹ*; na segunda oração, há uma elipse desse sujeito, no entanto, aparece o marcador *tóg* que indica sujeito já mencionado. Como já citado, o coordenador inicia a segunda oração. O verbo também é o mesmo nas duas orações, contudo, não há elipse na segunda oração, pois sofre flexão (*vé* – *vég*) devido ao fato de, nesta oração, estar acompanhado de *tũ nĩ* denotando um evento no modo *irrealis* negativo, bem como acontece no exemplo 13.

O exemplo 23 traz duas orações que dizem respeito ao sujeito *gĩr*: na primeira oração, o sujeito aparece sem nenhum marcador e a segunda oração apresenta o marcador *tóg* indicando que o sujeito já foi mencionado. Assim como nos exemplos anteriores, o coordenador *hã ra* inicia a segunda oração. Esse exemplo apresenta verbos distintos nas duas orações e a segunda oração está no modo *irrealis* negativo devido à presença dos marcadores *tũ* e *nĩ*.

Os exemplos que seguem apresentam sujeitos e verbos distintos para cada oração que compõe o período.

24. [Mĩg vỹ gĩr prã,] [hã ra tóg fỹ tũ nĩ]
 onça MS menino morder COORD MS chorar MO ASP
 “A onça mordeu o menino, mas ele não chorou.”

25. [Ĕkréh tĩ vỹ mĩg pénũ,] [hã ra tóg ter tũ nĩ]
 caçador MS onça atirar COORD MS morrer MO ASP

¹¹ Acreditamos que o sujeito não é marcado nesta oração devido ao fato de o verbo ser intransitivo. Isso não é uma regra, mas dispomos de outros exemplos do *corpus* que apresentam sujeitos de verbos intransitivos, em períodos complexos, sem marcação.

“O caçador atirou na onça, mas ela não morreu.”

No exemplo 24, há um sujeito para cada oração: o sujeito da primeira – *mĩg* – é marcado por *vĩ*; o objeto da primeira oração – *gĩr* – é o sujeito da segunda, mas não aparece explicitamente nesta oração, há apenas o marcador *tóg*. Como *tóg*, segundo Silva (2011), refere-se a um sujeito já mencionado, tanto *mĩg* quanto *gĩr* poderiam ser considerados sujeito da segunda oração, no entanto, a semântica do verbo dessa oração permite inferir que o sujeito é *gĩr*. O coordenador, assim como nos exemplos 22 e 23 ocorre no início da segunda oração e esta, também como em 22 e 23, diz respeito a um evento no modo *irrealis* negativo.

O exemplo 24 tem exatamente a mesma estrutura de 23. O coordenador também inicia a segunda oração que está no modo *irrealis* negativo e a mesma dificuldade em definir o sujeito da segunda oração aparece nesse exemplo, devido ao fato da ocorrência da elipse. Assim, em 25, consideramos o objeto da primeira oração – *mĩg* – como o sujeito da segunda oração, de acordo com a semântica do verbo. Uma forte evidência de que o sujeito da segunda oração seja *mĩg* é o verbo empregado nesta oração (*ter*) que, de acordo com o contexto, só pode se referir à *mĩg*.

Um outro coordenador usado em kaingang no valor de adversidade é *jãvo* (mas), o qual Wiesemann (2002) classifica como conjunção. Esse coordenador ocorreu em dois exemplos que, em português, foram solicitados como aditivas, mas o informante traduziu como adversativas. Segundo Haspelmath (2007), há línguas que empregam um coordenador adversativo para unidades que não são contrastivas, de maneira que esse coordenador apresenta sentido de conjunção. De acordo com os dados coletados da língua kaingang, é possível perceber que o coordenador *jãvo* expressa esse emprego apontado pelo autor.

26. [Pedro *vĩ* jyryryn kajãm,] [*jãvo* Ludoviko *vĩ* moto kajãm]

Pedro MS roda comprar COORD Ludoviko MS moto comprar

“Pedro comprou um carro e Ludoviko comprou uma moto.”

(lit.: Pedro comprou um carro, mas Ludoviko comprou uma moto)

27. [Manoel vỹ tỹ professor nĩ] [*jãvo* gĩr vỹ tỹ aluno jě]
 Manoel MS EXIST professor ASP COORD menino MS EXIST aluno ASP
 "O Manoel é professor e o menino aluno."

(lit.: O Manoel é professor, mas o menino é aluno.)

Como se pode notar, em ambos os exemplos, o coordenador *jãvo* inicia a segunda oração ocupando a posição *A co-B*. Cada exemplo apresenta sujeitos distintos nas orações que compõem o período. Esses sujeitos aparecem explicitamente e são marcados por *vỹ*. Embora 26 apresente o mesmo verbo para as duas orações, não ocorre elipse na segunda, de forma que esta apresenta todos os termos (SOV) assim como a primeira. Comparando esse exemplo com os exemplos que apresentam sujeitos correferenciais, podemos constatar que, quando o período apresenta o mesmo verbo para cada oração, sua elipse ocorrerá apenas se o sujeito também for correferencial.

A língua kaingang não possui cópula, assim o sentido do verbo "ser" é dado pelo indicador de existência *tỹ* no sintagma verbal de cada oração do exemplo 27.

Considerações Finais

Com base nos dados apresentados neste trabalho, é possível chegar às seguintes constatações sobre a coordenação na língua kaingang:

A língua permite a coordenação de sintagmas e orações por meio de partículas que funcionam como coordenadores, segundo Haspelmath (2007).

Ocorre a coordenação monossindética na qual o coordenador pode ocupar três posições: *A-co B* (na coordenação de unidades dentro de um sintagma), *A co-B* e *A B-co* (na coordenação de orações).

Três tipos de coordenação ocorrem na língua: conjunção, disjunção e coordenação adversativa.

Na conjunção comitativa, a língua emprega o coordenador *mré* (com) que ocupa a posição *A-co B* tanto no sintagma nominal como no sintagma verbal.

Na conjunção de orações, a língua faz uso do coordenador *kar kÿ* (depois) que inicia a segunda oração do período ocupando a posição *A co-B*.

Para exprimir o sentido de disjunção, a língua emprega o coordenador *vó* (será que não é?) que ocupa a posição *A B-co*. Esse coordenador denota um sentido exclusivo às proposições que constituem o período, de forma que a afirmação de uma requer a negação da outra.

Na coordenação adversativa, a língua emprega os coordenadores *hã ra* (mas) e *jãvo* (mas) que ocorrem na posição *A co-B*.

Pode ocorrer a elipse do sujeito e/ou do verbo na segunda oração que constitui o período, fato que Haspelmath (2007) denomina *coordination reduction* que diz respeito à eliminação de elementos idênticos por motivos de economia.

Enfim, neste trabalho nos propomos apenas a fazer alguns apontamentos sobre as orações coordenadas da língua kaingang, já que a análise ainda encontra-se em andamento. Esperamos que, em trabalhos futuros, por meio da análise e comparação de mais dados seja possível contribuir com o campo da análise e descrição de línguas indígenas que tanto necessita de linguistas voltados a este tipo de pesquisa.

Lista de Abreviaturas

ASP – aspecto

COORD – coordenador

EXIST – existência

FEM – feminino

MO – modo

MS – marcador de sujeito

PL – plural

P2P – pronome de segunda pessoa

P3P – pronome de terceira pessoa

O - objeto

SN – sintagma nominal

SV – sintagma verbal

V - verbo

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Leriana de. *A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua kaingang: uma proposta de análise*. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

D'ANGELIS, Wilmar da R. Gênero em Kaingang? In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (Org.). *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Eduel, 2002, p. 215-242.

HASPELMATH, Martins. Coordination. In: SHOPEN, Timoty. *Language Typology and Syntactic Description*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 1-51. v. 2 (Complex Constructions)

PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SILVA, Maria S. R. da. *A língua kaingang da aldeia paulista Icatu: uma descrição funcional*. 2011. 261 f. Tese (Doutorado – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

WIESEMANN, Úrsula G. *Kaingang – Português Dicionário Bilingue*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

Recebido em abril de 2013.
Aprovado em julho de 2013.